

**“MINHA PELE: LIMITE ENTRE EU E O MUNDO¹”. REGISTRANDO
FALAS, OLHARES E GESTOS DE CRIANÇAS PEQUENAS: UMA
EXPERIÊNCIA COM ARTE.**

Dilma Antunes SILVA – UNIFESP/PUCSP (dilmasilva7@hotmail.com)

Andréia R. de Oliveira Camargo UNIFESP (alglmachado@gmail.com)

Juliana Diamante PITO - UNIFESP (jdiamente@hotmail.com)

Resumo:

Este texto sintetiza as reflexões iniciais de uma pesquisa em andamento que visa discutir a importância da documentação pedagógica na formação de professores que atuam na Educação Infantil. O presente texto convida à reflexão sobre a importância do registro das experiências das/com as crianças no cotidiano da Educação Infantil, elegendo-o como um instrumento de reflexão sobre a prática docente e como possibilidade de escuta, planejamento e avaliação do processo educativo. Compartilhando experiências de/com crianças de 02 a 03 anos, com muita tinta, imaginação e criação, o texto busca revelar saberes e intencionalidades advindas das interações estabelecidas com as crianças pequenas, apresentando formas de documentar “vidas vividas” na ambiência da escola da primeira infância. Considerando a documentação pedagógica como elemento fundamental da constituição de uma educação infantil reveladora de processos, aprendizagens e saberes das crianças e constituindo-se como instrumento de reflexão sobre a prática, as experiências artísticas vivenciadas no Núcleo de Educação Infantil (NEI) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), nos provoca a pensar a partir de acontecimentos marcados pela capacidade inventiva e criadora das crianças, o papel do educador, juntamente com as crianças, enquanto protagonista, inventor de um novo jeito de vivenciar, sentir e fazer arte por meio de diferentes linguagens. (Re) planejando, acompanhando, observando e registrando propostas que instiguem a curiosidade e a imaginação das crianças, o educador potencializa a fala e a escuta, revelando o que elas sentem e pensam, em suas múltiplas linguagens, assim como nos apresenta a riqueza de seus encontros com o mundo por meio da brincadeira, da interação com outras crianças, diferentes materiais e com os adultos, dando visibilidade às culturas infantis e (re) criando novas formas de interagir, ensinar e aprender na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil, Arte, Infância, Documentação Pedagógica, Registro.

¹ Frato, 1975.

Introdução

Frato (1975) nos provoca a pensar as formas de sentir, imaginar, criar e interagir das crianças. Ele também nos convida a vislumbrar a infância ‘com olhos de criança’.

Nesta perspectiva, o presente texto busca provocar e assim convidar à reflexão sobre a importância do registro das experiências das crianças, nas diferentes linguagens, no cotidiano da Educação Infantil, numa instituição pública federal que atualmente atende cerca de 250 crianças com idades entre zero a cinco anos.



(1975) A pele: limite entre eu e o mundo

Trata-se de um estudo em fase inicial que tem como propósito discutir a importância da documentação pedagógica na formação de professores, situando-a como instrumento potencializador de práticas eficazes e eticamente comprometidas com a escuta das crianças.

Buscando romper com ótica “adultocentrada” que se revelava na instituição, fomos tencionadas pelas seguintes questões: Onde estão as marcas e produções das crianças? Como ocorre a participação das crianças no processo educativo? Onde estão as diferentes linguagens no cotidiano da escola da Infância?

Olhando o espaço escolar com “olhos de criança” encaramos o desafio de possibilitar às crianças- personagens centrais da escola infantil- tempos e espaços nos quais elas fossem de fato os atores. “Sujeitos cujas vozes, vontades, desejos, descobertas, gostos e gestos [...] devem ser respeitadas e incentivadas” (PEIXOTO, SILVA, HERCULANO, 2016, s/p), pois expressam e revelam suas singularidades e identidades.

Nas páginas que seguem enfatizamos o diálogo possível e necessário entre a teoria e a prática e apresentamos, inicialmente, concepções de criança, infância e currículo. Discutimos a importância da documentação pedagógica como elemento fundamental da prática docente e, por fim, apresentamos um excerto que revela

experiências e sapiências de crianças pequenas no Núcleo de Educação Infantil (NEI) da UNIFESP. Nas considerações finais, buscamos uma reflexão acerca das contribuições teóricas e práticas (reveladas pelos atores da cena) que subsidiam a escrita deste texto.

Considerando a criança enquanto corpo pensante, criativo e narrativo, e a imaginação desta enquanto possibilidade de liberdade, criação e descobertas, os espaços, tempos e materiais da escola infantil devem possibilitar o livre movimentar, a exploração da natureza, a contemplação, o silêncio, a concentração, o isolamento, a interação e as brincadeiras.

Na mediação, o professor da primeira infância deve (re) planejar, acompanhar, observar e registrar propostas que instiguem as crianças, permitindo-lhes experiências nas diferentes linguagens, alimentando a curiosidade e a criação, dando voz, vez e visibilidade às reações, emoções e produções das crianças.

[...] é necessário que o educador também seja pesquisador e criador, que se indague sobre o mundo e os assuntos estudados – antes e com as crianças – e com elas vá fazendo perguntas, investigações e descobertas – ouvindo-as, observando-as, traduzindo seus olhares e sons e ampliando suas questões (BARBIERI, 2012, p.19).

No universo escolar, as experiências com as diferentes linguagens possibilitam inúmeras descobertas, onde crianças e adultos podem expressar sentimentos, pensamentos, dúvidas, desejos, curiosidades, de forma que a experiência e a aprendizagem ocorram nas interações entre todos os sujeitos do processo educativo.

Assim como Stenhouse (1991) e Godson (2008), pensamos o currículo da educação infantil enquanto encontro entre adultos e crianças, e a creche como espaço de formação coletiva, onde a indagação torna-se o principal instrumento da ação docente, e a narratividade o “[...] processo de interlocução para a construção de histórias de vida compartilhadas, isto é, que afetam tanto a subjetividade do adulto quanto do bebê” (RICHTER; BARBOSA, 2010, p.90).

Nesta ambiência, precisamos dar abertura a novas possibilidades de planejar e interagir com as crianças, organizando materiais, espaços e tempos que oportunizem experiências múltiplas, assim como à produção de culturas infantis.

Com enfoque na linguagem artística, apresentaremos experiências de crianças de 02 a 03 anos, com muita tinta, imaginação e criação. Tais experiências partem da ideia

de que “[...] trabalhar com arte na educação infantil ajuda cada criança a descobrir como é seu mundo de invenções, abrir a porta para novos conhecimentos, e assim aprender a imaginar e fazer” (BARBIERI, 2012, p.18).

Ter a arte como fundamento das práticas no cotidiano da Educação Infantil significa considerar as diferentes manifestações linguageiras das crianças, que assim como os artistas “convidam a reorganizar o mundo e experimentá-lo em outras versões” (GOBBI, 2010, s/p).

Nesse sentido, as experiências artísticas partilhadas, criadas, manifestadas nos espaços e tempos da escola infantil, configuram-se como palco de produções, lógicas e conquistas infantis. Falas, olhares e gestos podem ser captados a partir da escuta sensível e qualificada do professor, constituindo o que chamamos de documentação pedagógica.

A documentação pedagógica permite conhecer a criança de forma concreta, ao mesmo tempo conhecer e reconhecer-se como professor. É entendida, como ressaltam Dahlberg; Moss, Pence (2003), como *conteúdo* (registro do trabalho das crianças, o que estão dizendo, fazendo) e *processo* (uso do conteúdo para refletir sobre o trabalho pedagógico). Isso significa que um registro só se eleva ao status de documentação pedagógica quando cumpre duplo propósito: revela processos, aprendizagens e saberes das crianças e constitui-se como instrumento de reflexão sobre a prática. Nesta perspectiva, o registro constitui-se como possibilidade de escuta, planejamento e avaliação e o professor pode “[...] ter autoria sobre suas ideias, refletir e produzir para si mesmo condições de fazer o seu percurso investigativo” (HORN; SILVA, 2011, p.139).

Assim, o registro descritivo dos fatos, ou ainda das anotações dos adultos realizadas a partir da observação que categoriza, classifica e mensura com base em categorias determinadas cede espaço ao registro do vivido, do encontro entre os sujeitos que constituem a Educação Infantil. Um registro que revela o que pensam e falam as crianças, em suas múltiplas linguagens, a riqueza de seus encontros com o mundo por meio da brincadeira, da interação com outras crianças, diferentes materiais e com os adultos.

Registros escritos, anotações, fotos, vídeos, áudios compõem as narrativas e objetivam as vozes dos sujeitos atores da Educação Infantil, crianças e adultos; revelam

saberes e intencionalidades, garantem o lugar do imprevisto (não o improvisado) e assim, documentam “vidas vividas” nesse cotidiano. Em outras palavras, a documentação pedagógica constitui-se hoje como elemento fundamental da constituição de uma educação infantil que rompe com as tradições da pedagogia transmissiva ou das práticas escolarizadas que tradicionalmente embasam o trabalho com as crianças pequenas.

Na sequência retomamos o convite inicial de refletir sobre as experiências proporcionadas às crianças na Educação Infantil com registro escrito de uma cena vivida por crianças de 2 e 3 anos, suas educadoras e alguns materiais, em um tempo e espaço do Núcleo de Educação Infantil da Universidade Federal de São Paulo. Por que documentamos? O que esse registro revela?

A cena:

Na sexta-feira, havendo sol, brincaríamos no solário com tinta. E assim aconteceu.

Após o café, trocamos todas as crianças. Em seguida, subimos, trilhando um caminho desafiador a elas, haja vista a altura dos degraus e a inexistência de corrimãos adequados à estatura das crianças pequenas. Chegando lá, as crianças do Jardim II também desenvolviam atividade semelhante e, em pouco tempo se juntaram a nós. Crianças grandes e pequenas interagem, descobriam, compartilhavam e aprendiam coisas juntas.

- *Eu pintei meu pé de branco*, dizia uma criança.

- *Olha eu sou azul!*, gritou outra mostrando suas mãos.

- *Óh! Eu “tô” ficando lindo!* Dizia JP. Enquanto deslizava o rolinho enegrecido pela tinta por toda a extensão das pernas e pés. Em seguida, decidi pintar o próprio rosto.

I.M pintava cuidadosamente uma caixa, manipulando um rolinho. Estava nitidamente concentrada em sua obra de arte.

A.N, lambuzando-se em tinta nos mostrava suas mãos, enquanto *S.* e *N.* corriam. Pareciam felizes. Em determinado momento as meninas perceberam suas sombras, elas as olhavam, se olhavam e sorriam. Corriam novamente, olhando para o movimento no chão e emitindo gritinhos. Em determinado momento decidiram ser pegadoras. *S.* lambuzou as mãos em tinta e tentava pegar a professora que decidiu entrar na brincadeira, perseguindo-as.

E. mantinha-se concentrado na tarefa de pintar a caixa, *F.* pintou-se a si mesmo, usando o próprio corpo como extensão de sua arte. *J.P.* encontrou em meio a caixa com matérias um conduíte, o qual usou para emitir som, contudo, não obteve muito êxito e preferiu utilizá-lo como “corda”. Sim, como uma corda! Conseguiu bater e saltar, parecia orgulhoso de seu feito.

M.C estava com o rosto pintado num tom de vermelho, quase bordô.

E. preferiu antes de tudo, experimentar a tinta. Misturou cores, atingiu uma escala de cinza e, agora com os braços acinzentados, fazia movimentos de luta, posicionando-se como um super- herói. Somente depois passou a pintar as caixas.

G. era um misto de cores. Tinha os braços, pernas e rosto pintados. *P.M* já estava parcialmente marrom *I.A* se mantinha “limpa” observando atentamente a ação dos colegas. Demorou um pouco até que ela se sentisse confiante para explorar os recursos disponibilizados para a oficina. *J.* compartilhou o espaço da arte e os materiais com as crianças maiores e elas, se mantiveram cuidadosas com os amigos “bebês”.

Concordamos com Holm (2007) quando afirma o quanto é bom fazer uma oficina de pintura ao ar livre, porque as crianças podem correr e brincar se sentirem vontade. Foi assim que aconteceu com *S.*; *N.* e mais tarde com *A.*, ao descobrir uma caixa com cordas e bolas deixada pela professora de educação

física. *J.P* resolveu deixar sua marca em outros espaços e logo já não era só uma, mas várias crianças que imprimiam suas mãos nas paredes em volta da quadra. Aliás, não só a parede recebeu novos tons, o chão também. Algumas crianças experimentaram pintar o chão rústico utilizando seus rolinhos, as mãos ou ainda, esfregando seus pezinhos descalços [...].

Fonte: Diário de Bordo. São Paulo. Jun/2016

Para que registrar as experiências das crianças na escola Infantil?

Uma vez que as práticas educativas desenvolvidas na escola infantil devem considerar as crianças em sua diversidade, compreender suas manifestações e possibilitar a elas uma multiplicidade de experiências e vivências fecundas, a documentação dessas práticas se caracteriza como uma necessidade candente nos processos de autoformação e aprimoramento da prática docente.

Ao analisarmos a cena supradestacada, observamos que a proposta didática tinha como foco inicial, oportunizar ao grupo de crianças uma experiência artística. Contudo, para além desse propósito, a atividade transbordando encantamento, tornou-se ainda, ciência, poesia. A anatomia das cores e formas se fundia aos corpos das crianças, aos saberes que iam se desvelando em cada gesto, em cada olhar, na ação e nas falas de cada uma delas. Tal afirmação é possível pelas evidências apresentadas no registro, ou seja: as manifestações verbais e não verbais aquelas expressas pelas ações, gestos e movimentos corporais dos sujeitos observados e captados pelo crivo do olhar atento da educadora.

As experiências vivenciadas por esses sujeitos “partilhadas, criadas, manifestadas, reproduzidas e ressignificadas durante as interações, as brincadeiras, as conversas e as negociações [...] constituem uma riqueza na convivência e nas relações” (HORN; SILVA, 2011, p.136). São estes acontecimentos, repletos de curiosidade, carregados de sentidos e significados, marcados pela capacidade inventiva e criadora da criança que devem ser documentados pelo educador.

Horn e Silva (2011, p.136) citando Larrosa (2002; 2004), comentam que “A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca”. Segundo as autoras, o “sujeito da experiência seria como um território de passagem, na qual aquilo que passa afeta de algum modo” (Ibidem.).

Possibilitar experiências como as destacadas anteriormente é importante por que:

Quando uma criança decide pintar o seu próprio corpo de determinada cor, ou mesmo seus desenhos, ou quando opta por dançar, movimentando o corpo de maneiras diversas, chegando a elaborar uma coreografia, isso significa sua escolha por algo e alguma forma para expor seu pensamento, seu desejo, suas manifestações. Constituem códigos e nos revelam. As crianças criam, como num haicai, a representação de mundos e coisas deles, como também sentimentos, emoções, letras e suas formas. Os traços e as configurações que suas composições vão adquirindo mostram suas emoções e abarcam o mundo da imaginação, como numa objetiva que capta aspectos da realidade circundante e o mundo interior, convertendo em matéria visível diferentes formas. (PINAZZA; GOBBI, 2015, P.42)

A Resolução CNE/CEB Nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), determina que as propostas curriculares na Educação Infantil, a fim de cumprir sua função sociopolítica e pedagógica devem, dentre outros, possibilitar “vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade” e, incentivar “a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza” (BRASIL, 2009, incisos VII;VIII).

Quando se trabalha com a primeira infância, arte não é algo que ocorre isoladamente. Ela engloba: controle corporal, coordenação, equilíbrio, motricidade, sentir, ver, ouvir, pensar, falar, ter segurança. Ter confiança, para que a criança possa movimentar e experimentar. E que ela retorne ao adulto, tenha contato e crie junto. [...] As crianças pequenas procuram os adultos para desenvolver sua linguagem artística. Não se trata de criar situações artificialmente, mas de deixar que elas fluam naturalmente. [...] A arte dos pequenos deve ser vista num contexto amplificado. Como um todo (HOLM, 2007, p.12).

Podemos verificar aqui a relação que Holm (2007) estabelece entre a criança em sua totalidade e a experiência artística na primeira infância, chamando a atenção para a necessidade de possibilitar tempos, espaços e situações para que as crianças possam revelar ao mundo sua inaudita capacidade de criação e imaginação.

Em face disso, o educador precisa estar atento e aproveitar as oportunidades para “saber sobre as teorias, as invenções e as criações infantis ricamente elaboradas” (PINAZZA; GOBBI, 2015, p. 42) pelas crianças.

Intervir para que as crianças possam explorar em sua totalidade o uso e o emprego dos diferentes materiais (VOLPI, 2010), possibilitar tempos espaços para a criação e expressão artística são fatores importantes quando se trabalha com arte na

escola infantil. “É fundamental a intervenção do [educador] para que as crianças possam reformular novas hipóteses de interpretação do seu trabalho”, assinala Pillar (1988, p. 29). Sendo assim, o professor assume uma posição de “interlocutor privilegiado, ao planejar, executar, registrar e avaliar o trabalho pedagógico” (DCNEI, BRASIL, 2009) desenvolvido no espaço educativo. Outrossim, assume junto com a criança, o papel de protagonista, de inventor de um novo jeito de vivenciar, sentir e fazer arte.

Para finalizar, emprestamos de Junqueira Filho (2007, p.11) a ideia de registro como encontro que possibilita a apropriação de si e do outro. Um encontro que permite “recobrar em parte o que aconteceu no encontro com o outro” [...]. Registrar permite ao professor apropriar-se de seu próprio fazer, o conduz ao aprimoramento de sua prática e fortalecimento de sua profissionalidade docente, pois assim como afirmam Dahlberg, Moss, Pence (2003), quanto maior for a nossa consciência referente às nossas práticas pedagógicas, maior será nossa possibilidade de mudança.

Referências

- BARBIERI, Stela. **Interações: Onde está a arte na infância?** Blucher, São Paulo: 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB Nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Publicado no Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18.
- DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. Documentação pedagógica: Uma Prática para a Reflexão e para a Democracia. In: **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas.** Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GOBBI, Márcia Aparecida. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da Educação Infantil.** MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6678-multiplaslinguagens&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15/7/2016.

PEIXOTO, V. A. C; SILVA, D. A.; HERCULANO, Sílvia Cristina. O cuidar e o educar na creche: especificidades da ação pedagógica com bebês e crianças pequenas. **Revista Direcional Educador** (no Prelo, 2016).

PINAZZA, Monica Apezato; GOBBI, Márcia Aparecida. Infâncias e suas linguagens: formação de professores, imaginação e fantasia. In: GOBBI, Márcia Aparecida; PINAZZA, Monica Apezato (Org.). **Infâncias e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2015, pp. 21-43.

GOODSON, I. F. **As políticas de currículo e de escolarização**. Petrópolis, Vozes, 2008.

HOLM, Anna Marie. **Baby- Art: os primeiros passos com arte**. Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

HORN, Cláudia Inês. SILVA, Jacqueline Silva da. Experiência e Documentação: É possível articular estes conceitos? **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.19, n2, pp.136-145. Jul/dez.2011.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. Quando as imagens não falam mais que as palavras. **Revista Pátio Educação Infantil**. Ano IV. N°12. Nov 2006/Fev 2007.

PILLAR, Analice Dutra. **Fazendo Arte na Alfabetização**. 3ª ed. Porto Alegre. Editora Kuarup, 1988.

RICHTER, S. R. S.; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Educação**. Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010.

STENHOUSE, L. **Investigación y desarrollo del curriculum**. Madrid: Ediciones Morata, 1991.

VOLPI, Patricia. **Professora de Artes o que trazes para mim?** In: MELLO, Paulo Cesar Barbosa. FONSECA, Reinaldo (Coord.). **Arte, Novas Tecnologias e Comunicação: Fenomenologia da Contemporaneidade**. Congresso Internacional de Arte, Novas Tecnologias e Comunicação. [Recurso Eletrônico] São Paulo, SP: 2010. Pp. 258-261.